

Ventos sucessórios

A percepção dos líderes oposicionistas é de que a candidatura Fernando Henrique, embora ainda favorita, tende cada vez mais a fragilizar-se. Contra ela, conspira o sopro de renovação que varre o mundo (vide terremotos financeiros), e que na Europa teve como primeiro fruto a chamada onda rosa, que derrotou o neoliberalismo na França e na Inglaterra.

O revés eleitoral do presidente Carlos Menem, na Argentina, domingo passado, seria mais um sintoma de tal processo. O eleitor já não faz opções radicais, mas está farto do continuísmo — seria o recado desses países. O empenho das lideranças oposicionistas mais conseqüentes, no Brasil, é no sentido de credenciar-se a tirar proveito da situação. E isso exige unidade.

Não basta, porém. É preciso unir-se em torno de nomes que estabeleçam a maior convergência possível de apoios. Lula e Brizola, por exemplo, têm intenção de se unir, mas, ainda que o consigam, não estabelecem a convergência indispensável.

Ciro Gomes, em tese, estabelece, mas, até aqui, não consegue unir muita coisa a seu nome. O PT fixa como premissa a uma aliança a exclusão do nome de Ciro, o que mostra a dificuldade do processo. O PT admite até não indicar o candidato presidencial a uma chapa de unidade oposicionista, mas quer que o nome seja de esquerda.

O PMDB antigovernista, de Paes de Andrade, não crê na possibilidade de um nome de esquerda estabelecer a abrangência necessária de apoios para derrotar Fernando Henrique. Acha que o nome tem que ser de centro-esquerda. E aí entra em cena uma interminável e bizantina discussão acerca do que é ser de centro-esquerda. Ciro Gomes é? E Sarney?

Depende. Para a esquerda do PT, centro-esquerda é Lula. Ciro e Sarney estão à direita. Brizola e Itamar seriam centro-direita. Fernando Henrique um radical de direita e Maluf simplesmente fora do espectro classificatório. Para Ciro, Lula é esquerda retró-

grada e só serve como cabo eleitoral; como presidenciável, não.

A discussão é penosa e nem começou. Engarrafou nas preliminares. A percepção predominante é de que as chances maiores são de alguém cujo perfil não ameace as conquistas do Plano Real, mas acene com reformas sociais mais efetivas. Tal como na eleição argentina de domingo passado, o que estará em pauta não é o ajuste econômico, mas a necessidade de novos avanços.

Fernando Henrique, por espelhar a ordem estabelecida, perde nesse quesito. Ou seja, perde se tiver pela frente alguém que incorpore suas qualidades e consiga identificar e expor seus defeitos.

Ciro Gomes acha que consegue. Sarney, também. Itamar, favorito nas pesquisas ao Governo de Minas, já não tem certeza. Requião não vê a hora de entrar em cena. E até o ministro Sepúlveda Pertence, do STF, está sendo cogitado. O espectro é amplo e confuso e, enquanto assim for, favorece Fernando Henrique.